

FAMÍLIAS EVANGÉLICAS E PROCESSO DE NOMEAÇÃO

Edna Bittelbrunn¹
Elaine P.Rabinovich²

Resumo: *O nome possui uma ampla gama de significantes, regado de sentimentos, intenções e variadas simbologias de quem nomeia. O contexto familiar formado por pessoas que se converteram à religião evangélica foi objeto de análise para perceber sua influência sobre a nomeação dos filhos. Participaram desse estudo um homem e duas mulheres de diferentes denominações evangélicas e pertencentes às camadas populares. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para avaliar aspectos contidos no processo de nomear, verificando-se que há influências religiosas para escolha do nome, porém outros critérios como estética também estão inclusos.*

Palavras-chave: Nomeação; Família Evangélica; Transmissão Intergeracional

O presente trabalho foi apresentado como parte dos requisitos para conclusão da Disciplina Constituição da Subjetividade, do Programa de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, em 2006.

A nomeação aparece como representação simbólica no processo de subjetivação do indivíduo. Nesse processo de nomeação encontramos diversos aspectos que podem ser observados, dentre eles o contexto (quem escolheu o nome e porque da escolha) e o conteúdo (estética, fantasia e parente que se subdivide em irmandade, tradição e homenagem) categorizado por Rabinovich (1993, p.125). Assim, estética estaria relacionado à beleza do nome por quem nomeia, o simples “achar bonito”; a categoria fantasia incluiria personagens históricos, bíblicos, de novelas, filmes, livros e músicas; parentes estariam subdivididos em tradição, homenagem e irmandade. Tradição, como a própria palavra já diz, estaria relacionado a perpetuar certos nomes na linhagem familiar, isto é, continuar o nome, não contém em relevância a afetividade encontrada em Homenagem, quando um familiar é homenageado via nomeação do novo membro. O terceiro aspecto é a Irmandade, podendo-se dizer que é um tipo de tradição, caracterizada pela regra de repetir as iniciais de nomes (ex. Roberto, Ronaldo, Robério), ou o primeiro nome (ex. Luiz Antonio, Luiz Carlos), como também pela combinação de sons (ex. Luciana, Tatiana).

Neste trabalho outros aspectos serão analisados, pois a reflexão tem como pano de fundo famílias evangélicas, como nomeadoras; essa variável peculiar contará com a análise e história do casal (projeções, desejos frente aos nomeados) na relação com sua trajetória de conversão-participação nas igrejas, tendo como questionamento inicial: Em que medida a conversão frente a uma congregação evangélica teria consequência na nomeação dos filhos?

O lugar privilegiado da família como significativo na formação e estruturação da subjetividade é inegável. Estilo de vida, o tipo de educação, opção religiosa são referências construídas no seio familiar (Fialho e Jacquet, 2004), logo a identificação nome-significado, eleito pelos pais, pode formar o conjunto de expectativas e objetivos que compõem essa relação pais e filhos.

¹ Aluna do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador-Bahia

² Professora do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador-Bahia

Na maioria das vezes a nomeação contém uma simbologia unilateral (o que os pais desejam para o filho) e não determinista, pois o nome não é um destino, segundo Martins (1991), citado por Rabinovich et al (1993, p.129), mas é portador de significantes de quem nomeou.

O nome próprio é um texto, como se fosse dado um “script” na entrada do teatro da vida, porém no desenrolar da trama vital o protagonista traça seu caminho.

Nesse texto, em que os pais inicialmente escrevem, o nome e seu significado vão além das expectativas frente ao nomeado e sim sua atuação frente à dinâmica familiar.

Nesta díade, relação pais e filhos, vale lembrar, segundo Bastos (1999), que crenças de educar, criar os filhos influenciam comportamentos de educar, de atuar frente aos filhos, ressalta que a forma de educá-los não consiste em comportamentos aleatórios, assim talvez possamos inferir que ao conceituar sobre o significado do nome, o modo de perceber seu filho esteja entrelaçado. Logo, a intencionalidade pode gerar certas percepções que podem regular esta relação comportamental.

Nas famílias evangélicas ou compostas por pessoas que freqüentam denominações evangélicas, a nomeação dos filhos pode ser influenciada pelos protagonistas bíblicos, ou personagens que tiveram suas histórias de vida aplaudidas pelos atuais convertidos, a ponto de homenagear o filho (ou entregá-lo indiretamente) com nomes bíblicos, objetivando também propagar a harmonia familiar, obedecendo aos mandamentos religiosos; logo o arranjo familiar já se propõe a fortalecer elos, entre a vida familiar e a cristã.

A vida familiar é constantemente exaltada pelas pregações evangélicas, lugar onde a paz deve reinar, onde se constroem relações de reciprocidade e também um espaço de proteção; por oposição à rua onde circulam os Outros, os não cristãos (Fialho e Jacquet, 2004).

O nome pode desvendar assim um pouco do universo familiar, mas não se restringe a este aspecto. O estudo dos nomes próprios se amplia na medida que entendemos que este pode ser visto como um momento de compreender uma pessoa, um grupo familiar, um momento histórico, a própria história da humanidade quando nos debruçamos sobre a origem dos mesmos denominando e diferenciando famílias (patronímicos), com nome de animais (teriofórica) e-ou identificando lugares (Boes, 2006).

No aspecto religioso da nomeação percebeu-se também batalhas travadas entre nomes católicos e advindos da reforma protestante. A escolha do nome nas camadas superiores, poderia homenagear santos e deles contar com proteção e devoção, por outro lado a adoção de nomes germânicos tem raízes nos pressupostos de Martin Lutero.

Em um sentido mais restrito e retornando à contemporaneidade, o nome pode refletir a vida do indivíduo, situando-o em uma rede complexa de relações familiares, sociais, religiosas e espaços-temporais. Apesar das pessoas não terem conhecimento do que subjaz seu nome, mesmo qual foi à razão da escolha e como se deu esse procedimento (Rabinovich et al 1993), percebe-se que muitas vezes as famílias evangélicas possuem uma clareza dos seus significados ante a escolha dos nomes de seus filhos que talvez seja facilitado pelos estudos bíblicos e freqüência à igreja, isto é, um constante contato com a história de personagens bíblicos e um encantamento pelo nome-personagem desejando transmitir para os seus filhos o conteúdo aprendido.

A psicanálise vem a oferecer seus pressupostos na discussão do processo de transferência, onde deslocamos nossos desejos, frustrações, angústias para figuras de autoridade-amor que armazenamos no nosso inconsciente no desenrolar da vida (Kupfer, 2004). Nas figuras religiosas encontra-se grande admiração e apreciação pelo que estes construíram junto à figura de Jesus Cristo e seus ensinamentos, ao mesmo tempo em que as instituições religiosas encontram-se no plano das regras, colocando um diferencial em paradigmas que incluem censuras, comportamentos morais, favorecendo a formação do Superego, tendo como muitos como símbolo repressor e que de certa forma contribui para não autonomia do sujeito.

Um emaranhado de situações podem ser verificadas neste sentido, ao mesmo tempo em que a entrada numa congregação, requerida para o filho através da família, tem no nome o passaporte para a obediência de regras e dogmas implementados pela religião evangélica adotada, também restringe, talvez, as escolhas frente à vida, no sentido de optar pelos estilos comportamentais de crenças, filosofias e ideologias pelo menos no primeiro momento. O contexto familiar com sua dinâmica, seus conteúdos, para muitos psicólogos e estudiosos oferece à criança matéria-prima para formação da sua personalidade, sendo a infância um período que é fortemente marcante, com parcelas de influências bem diferenciadas das outras fases do desenvolvimento.

OBJETIVO GERAL

Analisar em que medida a participação em denominação religiosa influencia o processo de nomeação dos filhos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Confrontar se há alguma relação entre o percurso religioso e a nomeação dos filhos.

Abordar aspectos de contexto e conteúdo, identificando o que foi motivador para nomeação.

MÉTODO

Participantes

Participaram dessa pesquisa um homem de idade de 32 anos, casado, da denominação religiosa de Testemunha de Jeová, uma mulher de 27 anos Adventista e outra de 44 anos da Igreja Batista. As mulheres, apesar de se definirem casadas, encontram-se afastadas ou afastando-se dos seus maridos, todos pertencentes a camadas populares.

Procedimento

No início da entrevista foram explicados aos participantes os objetivos da pesquisa, embora esses tenham sido explicados previamente pelas pessoas que as contataram, vizinhos, amigos de trabalho e parentes. O encontro obedeceu à pesquisa por círculo de conhecidos, onde pessoas próximas foram informando quais entrevistados que obedeceriam às características procuradas. Neste caso, o critério adotado seriam pessoas que freqüentam uma denominação evangélica e terem filhos. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade, horários e locais escolhidos pelos mesmos, sendo as três realizadas em local do trabalho, anterior ou no intervalo das atividades profissionais.

A entrevista semi-estruturada contava com perguntas pertinentes à vida familiar-religiosa e processo de nomeação de filhos.

Após autorização, as entrevistas foram gravadas em Mp3 e transcritas. Posteriormente, analisadas e sintetizadas em uma tabela construída pela professora Elaine Rabinovich e alunos da

disciplina Constituição da Subjetividade do Mestrado de família na sociedade Contemporânea, adotando aqui uma interpretação particular, assim como uma adaptação (vide Tabela 1).

Numa análise qualitativa global foram selecionados alguns aspectos considerados mais relevantes para caracterizar a relação nomeador-nomeado e religião evangélica com base na literatura. Foram avaliados pontos em comum nas respostas, assim como suprimidos comentários da vida pessoal que, embora valiosos e respeitados, não se enquadravam na questão religiosa de nomeação, abrindo caminhos para mais pesquisas e achados aprofundados, como por exemplo, a formação do casal, conflitos conjugais, conteúdos de crenças diferenciadas (candomblé, ramificações católicas e evangélicas) e outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1- Resumo das respostas

Família/nome	Idade/sexo	nomeador	Por que*	Religião e tempo	Causas da conversão	Mudanças ocorridas
Luiz Carlos Felipe Mateus	12 a. M 8 a. M	Pai Pai e mãe	Homenagem Fantasia	09 anos Testemunha de Jeová	Dar sentido a vida.	Felicidade em tudo, casamento trabalho.
Daniel Davi Dalila	10 a. M 07 a. M. 01 a. F.	Mãe Mãe Mãe	Estética e fantasia Fantasia e irmandade idem	14 anos Adventista	Conflitos conjugais	Paz na família, emprego, tudo mudou.
Emanuel Vítor Juliana Jaqueline Gabriel Davi	19 a. M 14 a. M 13 a. F 11 a. F 03 a. M	Mãe e pai Mãe Pai Pai Pastor-revelação	Fantasia Não disse Estético Estético Fantasia	14 anos Batista antes candomblé e católica.	Sufrimento, perda de bens materiais, vazio, marido agressivo.	Mudança em todos os sentidos e marido também mudou

* de acordo com as categorias de Rabinovich et al (1993).

Os três entrevistados apontam que conheceram seus pares logo na juventude, nos arredores do próprio bairro ou de familiares, do namoro formaram inicialmente as uniões consensuais (foram morar juntos) e com a conversão legalizaram a união. A entrada na igreja requer caminhos a serem seguidos, nas palavras de L.27 anos(F):

“Lá tem que ser tudo certinho...”

Essa fala ganha eco entre os dois participantes que ressaltam que a entrada na religião requer uma mudança de vida, onde rituais devem ser atendidos. Após a conversão são vividos vários rituais e práticas que incluem o batismo, o casamento, participação da família toda na igreja, ocupações em cargos religiosos e outros.

As mulheres enfrentavam e ainda enfrentam conflitos na família, brigas e vícios (palavra usada pelas entrevistadas) dos maridos, sendo a razão pelo “buscar Jesus”, termo usado por

muitos evangélicos para descrever suas trajetórias de conversão (Fialho e Jacquet, 2004). Fazendo um paralelo com nossas entrevistadas, podemos observar a quantidade de conflitos ainda não resolvidos pela não conversão de seus pares à mesma congregação religiosa, e até mesmo para o casamento religioso, os maridos apenas concordaram para satisfazer o pedido das esposas, sendo que os maridos não compartilham das mesmas crenças. Esse ponto entra em contradição com a questão colocada na tabela 1, em que as mesmas declaram mudanças para melhora na relação conjugal, o que nas respostas seguintes à entrevista sobre a vida do casal, não se comprova.

M.J. 44 a. (F) coloca suas intenções de não mais permanecer com o parceiro, aguardando o crescimento do filho, enquanto L.S. 27 a (F) se encontra na expectativa, pois seu par está freqüentando a igreja há três meses, apesar dele não estar mais na casa, ela se identifica como casada, pois o ritual do casamento foi realizado. A resposta para a pergunta: O que mudou na sua vida após a conversão?, parece ter uma repetição verbal milagrosa, apontando para muitos milagres e um novo nascimento cheio de realizações, as quais se o parceiro não compartilhar, a melhora no casamento na realidade não ocorre. Porém as mesmas reafirmam o “novo parto” também em relação à vida conjugal.

No processo de nomeação dos filhos, antes e depois da conversão, podemos observar heterogeneidade. Na entrevista 1,(R.B.33 a M), o nascimento do primeiro filho se deu antes do processo de conversão, o primeiro nome, Luiz Carlos, anterior à conversão foi em homenagem ao irmão, caracterizando o que Rabinovich et al (1993) destaca como parente-homenagem, já o segundo, pela trajetória de evangélicos e pelo próprio discurso do pai, a influência é clara, Mateus Felipe nome bíblico e projeção do seu conteúdo, na expectativa de projeto de vida do filho:

*“...Mateus abandonou tudo e foi ser seguidor de Jesus..
...Felipe foi um dos apóstolos de Jesus e grande evangelizador..”*
R.B.33 a (M)

Na segunda entrevista constatou-se que todos os nomes são bíblicos e obedecem a categoria de irmandade: Daniel, Davi e Dalila. Numa relação estreita entre a entrada da mãe para a religião e nomeação dos filhos, outro aspecto subjacente e que pode ser contrastado com a própria dinâmica familiar é que a mãe foi quem decidiu todos os nomes, e o pai apenas concordou. Na trama familiar a escolha do nome pode demonstrar todo um tecido de conflitos e relação de poder. Neste casal a história de angústia e sofrimento da mãe na vida conjugal, é bastante visível, o pai apesar da assistência material e afetiva para com os filhos, teria uma vida cheia de vícios e “farras,” o que desencadeou na expulsão do mesmo da casa, não coabitando mais com a família. O retorno dele só é cogitado se o mesmo aceitar os princípios religiosos da mesma congregação, mas na fala a entrevistada ressalta:

“...vou esperar porque não obriguei ele a ir na igreja, ninguém deve obrigar, pois a conversão é da pessoa, espero que meu marido aceite Deus, porque aí vou aceitá-lo de volta.”

L.S.27 a. (F).

A harmonia familiar conquistada pós-conversão também é outro ponto congruente entre os entrevistados. Ter os filhos e cônjuges participantes da mesma religião é uma conquista. Em palestra proferida no 1º Seminário Internacional da Família na Sociedade Contemporânea, realizado na Universidade Católica de Salvador em 10 de outubro de 2006, a socióloga Christine Jacquet relata que homens-esposos não convertidos até aceitam que suas esposas freqüentem as

igrejas desde que continuem dando suporte nas atividades domésticas, nos cuidados com filhos, e se precisar, ajudem no sustento financeiro da casa; estes ainda acompanham mulher ao templo, onde elas pertencem para averiguar suas atividades e relacionamentos com outros membros da igreja, principalmente os do sexo oposto. Apesar da harmonia das famílias ser colocada como premissa nos discursos dos pastores e das entrevistadas, quando o marido se recusa a participar e a cumprir suas obrigações de chefe da família, a mulher pode ser aconselhada a continuar em relações que às vezes não correspondem a harmonia desejada, implicando em casos de agressão física ou psicológica, comportamento este interpretado pela religião como do mundo, uma encarnação do mau. Na busca ou afirmação de possuir uma família dentro dos preceitos religiosos e quase perfeita, encontramos várias falas dos entrevistados:

“... a família de Deus é um pedaço do céu na terra....”

L.S.27 a (F)

“... mulher é uma só, os filhos são uma benção de Deus...”

R.B 33 a(M)

Paralelo á relação do casal, a entrevistada 3 (M.J 44 a F) também assume os conflitos do casal, que após tentativas mal sucedidas de levá-lo (o marido) a igreja, decide por não permanecer mais na relação, e que com o crescimento dos filhos irá se separar. Seria interessante e necessário um estudo mais aprofundado, mas não é este o objetivo deste trabalho, para analisar que nem sempre a religião age como mantenedora da submissão da mulher, porém contrapondo temos outros comportamentos (Fialho e Jacquet, 2004) frente ao marido “não crente”, onde ela aceita as imperfeições do mesmo sem se manifestar e faz concessões infundáveis pela manutenção do casamento sagrado.

Nessas relações conflituosas muitas vezes aparecem os filhos como “ressignificação do casamento”, porém neste caso a entrevistada coloca a chegada do filho Gabriel, nome vindo de uma revelação na igreja como salvador do marido e indiretamente da sua relação conjugal. Gabriel é agraciado por todos e possui uma relação muito forte com o pai, o que, segundo a mãe, confirma sua vinda ao mundo. Na relação tempo de conversão e nomeação percebe-se uma relação não assimétrica com essa entrevistada, pois primeiramente Emanuel é nomeado quando estava na religião católica (o que também é uma referência) pelo pai do mesmo, no segundo casamento vieram Jaqueline e Juliana com certa irmandade pelas iniciais, porém respaldando o conceito de estética. Observa-se que a mesma já participa da religião há 14 anos, tendo nomeado, não por ela, mas pela revelação, apenas o filho mais novo de três anos Gabriel.

A diferenciação na escolha do nome pela entrevistada configura até uma relação semi-igualitária, ora o marido escolhendo, ora os dois, porém na dinâmica familiar a entrevistada se coloca como pólo administrativo da casa, segundo a mesma:

“... não sei o que vai ser quando eu me separar, eu que faço tudo a casa vai desmoronar...”

M.J.44 a F

Dentro dessa perspectiva e fazendo uma conexão com a escolha do nome dos filhos, já que esta inclui também uma relação de poder, espelhando um pouco como funciona o casal, percebe-se na entrevista 2 (I.S. 27 a .F) um certo matriarcado, ao mesmo tempo que a entrevistada aguarda do marido uma conversão real e não o aceita para coabitar senão frente essa condição; na história da escolha dos nomes dos filhos ela foi a única a fazê-lo, ele apenas concordava com tal escolha, sendo a opinião das irmãs uma contribuição não aceita, porém mencionada nessa decisão. Na nomeação a entrevistada cita que admirava a história dos

personagens bíblicos e que a eles rendeu homenagem, porém queria que todos obedecessem a uma combinação via letra D, com Daniel, Davi e Dalila. Resulta desse processo de nomeação uma influência direta com o processo de conversão da mesma, a mãe, já pertencente a uma religião, usufrui de seus ensinamentos e nomeia os filhos frente aos pressupostos religiosos, bíblicos.

Os entrevistados diferem quanto a seus pares na adoção de uma crença religiosa, no caso as entrevistas 2 e 3, respectivamente as mulheres, seus maridos não são convertidos. As pesquisadoras Lívia Fialho e Cristine Jacquet (2004), em artigo sobre as religiões neopentecostais, observam que quando os maridos não compartilham da mesma religião, as mesmas até certa altura passam a ser “negociadoras” e com a missão de levarem seus pares à conversão.

Quando não há concordância administram essa condição, tentando cumprir as tarefas domésticas, compartilhando sustento financeiro da casa em apenas um período para não se desprenderem da função maternal, porém com atividades na igreja. O pastor também encontra sua função, age como orientador, conselheiro para tal situação de conflito. A figura do pastor e da igreja também é mencionada quando da opinião não explícita na nomeação, alguns associam nomes da natureza como não sendo do bem (Cauã) ou Madalena era prostituta, Adão que traiu Deus, e de outros personagens bíblicos que não agradaram a Deus ou não tiveram uma vida digna, ou até mesmo nomes que a própria congregação classifica como não cristão, vindos de “outras seitas”; aqui uma entrevistada relata discretamente que nomes do candomblé não são aceitos, mas não menciona quais, enquadrando - os em “de outras seitas”.

As configurações familiares são bastante diferenciadas pelos 3 entrevistados, apesar de similaridades matrilineares, tendo em vista o papel centralizador feminino nas decisões; o entrevistado homem de 32 anos, coloca a igualdade na escolha do nome (Felipe Mateus), pelo menos do segundo filho, que coincide com o tempo de conversão. O nome bíblico foi discutido com a esposa, assim como o planejamento do mesmo. Não só na escolha do nome, mas as decisões domésticas obedecem a uma harmonia bastante ressaltada pelo entrevistado:

*“... tudo é decidido e dividido lá em casa,
ela me ajuda e eu ajudo, na bíblia diz não sou eu nem ela, é uma só carne”*

R.B.33 a.M

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação da análise de nomes e famílias evangélicas, como inicialmente foi colocado, ultrapassa a questão de identificação, assume uma complexidade e proporcional dificuldade.

Uma garimpagem mais apurada, sugerida por Rabinovich e Cervený (2006), revelará algumas faces da questão desses significados no contexto sócio-familiar, questões subjetivas e até delicadas da relação pais e filhos, o lugar do filho na família, de que forma foi esperado, nomeado e muitas outras questões psicológicas que até então não havíamos percebido.

Neste trabalho, a reflexão foi focada no processo de escolha que os pais evangélicos realizaram frente à nomeação, fazendo-nos pensar que a religião é um diferencial levado em conta no momento de nomear seus filhos. Porém, outras forças interferem, nesta pesquisa há nomes bíblicos que coincidem com a conversão dos pais, entretanto a estética desfaz a hipótese de que essa influência é única, sob esse prisma (momento da conversão x nomeação), o aspecto religioso é soberano. Equivalem no geral (vide tabela 1) a 5 nomes escolhidos de origem

religiosa e outro bíblico, porém escolhido num momento em que o pai era católico, ainda 1 do tipo homenagem, 2 estéticos escolhidos dentro do momento de conversão evangélica.

Neste caso, houve relação direta no primeiro entrevistado e da segunda, enquanto na terceira não houve essa relação direta, pelo tempo de frequência na igreja (14 anos), apenas um estabeleceu essa relação: Gabriel. Também nesse caso o primeiro nome, apesar de bíblico (Emanuel), foi proveniente do catolicismo do pai, não se enquadrando na hipótese família evangélica; outra diferenciação dessa entrevista foi que mesmo já convertida, a entrevistada não relacionou essa posição com a nomeação das duas filhas: Juliana e Jaqueline, se enquadrando no aspecto estético, também no de Irmandade, repetindo as iniciais (J) e não fantasia (bíblico).

Portanto, num momento histórico onde as religiões evangélicas ganham espaço e apreciação no Brasil, a constituição da família configurada sobre paradigmas evangélicos encontra na nomeação dos filhos um momento talvez de devoção, de vinculação da continuidade religiosa, favorecendo a intencionalidade que esse filho não se “desvirtue” do caminho da fé. Porém, cabe a observação feita por Rabinovich et al (1993), ressaltando que a história vem escrita antes do nascimento da pessoa, cabendo a ela o modo como incorporar tal história.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, A.C. (1999). Idéias sobre criação de filhos: uma invenção cultural. *Psico*, 22(2), 63-87.
- JACQUET, C.:COSTAL.F. (2004). *Família em Mudança*. São Paulo: Companhia Ilimitada
- KUPFER, M.A. (2004). *Freud e a educação. O mestre do impossível*. São Paulo: Editora Scipione.
- RABINOVICH, E.P. et al (1993). Atribuições de nomes próprios e seu papel no desenvolvimento segundo relato dos nomeados. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, São Paulo, III(2):119-137.
- _____ e CERVENY, C.M.O. (2006). *Família e genealogia*. São Paulo: Casa do psicólogo.